



O caráter artístico da obra *A costela de Adão*, de Berilo Neves, pelos pressupostos da Estética da Recepção

The artistic Character of the work A costela de Adão (The Adams' Rib), by Berilo Neves, by the assumptions of Reception Aesthetic

Cleane da Silva de Lima

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí / Brasil

necah.lima@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-4114-3924>

Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, Piauí / Brasil

dbuenosaires@uol.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-1593-4952>

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o caráter estético da obra *A Costela de Adão*, de Berilo Neves, pelos pressupostos da Estética da Recepção. O estudo se utiliza de pesquisas bibliográfica e hemerográfica, pelo método hipotético-dedutivo, com os teóricos basilares Jauss (1994), Iser (1999) e Zilberman (1989) que discutem a recepção e o caráter estético do texto literário. Portanto, *A Costela de Adão*, uma das obras mais lidas e comentadas no Brasil no início do século XX, obteve rápida recepção, além de se destacar no cenário literário brasileiro no período de seu nascimento e após seu surgimento, conquistando um grande público leitor.

Palavras-chave: *A costela de Adão*; Recepção; caráter estético.

Abstract: The goal of this work is to analyze the aesthetic character of work *A Costela de Adão (The Adams' Rib)*, by Berilo Neves, by the assumptions of Reception Aesthetic. In the study bibliography and hemerographic researches were used by the hypothetic deductive method, with basic theorists Jauss (1994), Iser (1999) and Zilberman (1989) who discuss the reception and aesthetic character of literary text. Therefore, *A Costela de Adão (The Adams' Rib)*, one of the most read and commented work in Brazil in the 20th century, got a fast reception, besides standing out in Brazilian Literature during and after the emergence, conquering a large readership.

Keywords: *A costela de Adão*; Reception; Aesthetic character.

1. Introdução

A literatura proporciona desejo, criticidade, liberdade que são despertados pelo texto literário a partir do conhecimento de mundo e das experiências de vida do leitor. Nesse sentido, o caráter estético e artístico do texto literário ocorre quando o leitor experimenta, podendo a obra atender e/ou romper os seus horizontes de expectativas. Dessa forma, o receptor é um importante agente para a história da literatura, para a concretização e atualização da obra literária, bem como da recepção do texto num espaço de tempo diacrônico ou sincrônico.

Nessa perspectiva, a recepção do texto literário se realiza quando ocorrem reações, como: frustrações, satisfação ou questionamentos, as quais proporcionam ao leitor a possibilidade de reconhecer o caráter estético da obra e construir um novo juízo sobre o que foi lido, assim como conhecimentos, sentidos, além de difundi-la.

Considerando a repercussão literária, a Estética da Recepção, postulada por Hans Robert Jauss (1994), destaca o leitor como responsável pela audiência, atualização da obra literária, produção de sentidos e diálogo entre texto e leitor. Nessa perspectiva, este artigo analisa o caráter estético da obra *A Costela de Adão*, do escritor piauiense Berilo Neves, com o estudo da narrativa “O sr. Carlos Autogenico”, por ser um conto que conversa com os demais que compõem a obra. O trabalho é dividido em dois tópicos, os quais exploram a teoria mencionada e a recepção da referida obra mediante a imprensa no início do século XX.

2. Literatura e Recepção

O estudo sobre a recepção do texto literário e a relevância do leitor para a literatura se intensificaram com os estudos de Hans Robert Jauss, que apresentou na Universidade de Constança, na Alemanha, por meio de sua aula inaugural *O que é e com que fim se estuda história da literatura?*, nos anos 1960, expondo quatro premissas e três teses referentes à recepção e história da literatura com o propósito de lançar uma nova forma de se pensar o texto literário e o leitor como fator essencial para a vida da obra literária, bem como a atualização dela. Em 1969, Jauss publicou o livro *A História da Literatura como provocação à teoria literária*, apresentando a Estética da Recepção.

Nesse contexto, Jauss (1994) apresentou em suas quatro premissas e três teses, de forma metodológica, a história da literatura e seus diferentes aspectos, contribuindo para a compreensão do valor e da audiência da

obra pelo leitor, pois é no diálogo entre obra e receptor que se estabelece o caráter estético do texto literário. Ao atribuir ao leitor um papel importante na literatura, Jauss (1994) criticava as teorias anteriores, em especial o Formalismo Russo e o Marxismo, por relegá-lo a segundo plano.

Nesse sentido, para Jauss (1994), o texto literário interage com o leitor, mediante traços que despertam a lembrança daquilo já vivido. Nem sempre a obra se apresenta como novidade, mas permite ser experimentada por quem a lê. Por essa razão, o receptor adentra no texto com todas as suas percepções e conhecimentos, construindo juízos estéticos e promovendo a audiência da obra.

A atribuição do caráter estético a uma obra literária ocorre por meio “dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão” (JAUSS, 1994, p. 07-08). A obra consegue sua audiência pela forma como dialoga com o leitor, podendo atualizar, ou seja, concordar, discordar ou resistir mediante a leitura.

O leitor de Jauss, ao apreciar a obra de arte, imerge nela, vivendo-a esteticamente. A compreensão se constrói na medida em que há distanciamento de sua vida real, mediante a reflexão sobre o que foi lido. Dessa forma, acontece a experiência estética devido ao liame entre o texto e o leitor, por meio da subjetividade suscitada pelo texto.

O leitor, para construir o sentido do texto, apoia-se em seu horizonte de expectativa, que diz respeito a seus conhecimentos sociais, históricos, literários, ideológicos e compreensão de sua vida cotidiana. A obra pode provocar emoções até então desconhecidas, seja pela forma proposta ou pelos assuntos expostos, possibilitando reações múltiplas, por exemplo, espanto, curiosidade, frustração, entre outras, despertadas pelo assunto abordado, produzindo a audiência do texto.

Conforme Jauss (1979, p. 69), “a experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (*Einstellung auf*) seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva”. A fruição compreensiva e a compreensão fruidora refletem sobre a construção do conhecimento por meio do prazer, assim como também o prazer contribui para a obtenção do conhecimento. Logo, a experimentação do texto possibilita que a obra seja esteticamente vivenciada pelo leitor, construindo seu caráter artístico.

Nesse contexto, o texto literário provoca, no primeiro diálogo com o leitor, a compreensão sobre o que foi lido por meio de sua inquietude e questionamento sobre o assunto que lhe seja, ou pareça, familiar ou estranho. Desse modo, sua fruição estética ligada à imaginação, satisfação e liberdade possibilita que se construam juízos estéticos sobre a obra,

mediante questionamentos a seu respeito e sua realidade social, produzindo sua criticidade e conhecimento a partir da experimentação da obra literária.

O horizonte de expectativa da obra, para Jauss (1994), permite determinar o seu caráter artístico por meio das reações e ações geradas pelos leitores. Dessa maneira, o caráter estético do texto ocorre quando produz algum efeito no leitor, possibilitando novos juízos estéticos ou mudanças de pontos de vista.

Conforme Jauss (1994), a recepção do texto literário pode ocorrer no período de seu nascimento ou posteriormente. Destarte, pode acontecer o distanciamento estético, por conta dos assuntos, na obra, serem desconhecidos ou considerados tabus pelo público, possibilitando o rompimento do horizonte de expectativa do leitor, forçando-lhe a compreender o que leu ou havendo uma resistência em relação ao conteúdo. Isso põe em prova seus conhecimentos, ideologias, suas próprias convicções sobre o mundo e propicia o caráter estético da obra. Assim, também pode haver a redução do horizonte de expectativa do leitor, quando a obra não é capaz de mover, provocar estranhamento, nem permitir questionamentos e frustrações mediante o que leu, apenas acomoda o já familiarizado.

Uma obra, em seu período de nascimento, pode restringir-se a um público limitado ou não. Nesse sentido, os horizontes de expectativa, tanto do leitor quanto da obra, nem sempre convergem. Um dos motivos pode ser a compreensão da temática da narrativa considerada como um tabu. Essas considerações demonstram que nada impede uma obra de ser amplamente lida e difundida entre os leitores, depois de muitos anos da sua publicação.

Por esse viés, a obra possibilita uma identificação com o leitor, podendo agradá-lo, satisfazê-lo ou frustrá-lo. Desse modo, há uma ação do receptor sobre o texto por intermédio das experiências estéticas ocorridas por outros textos literários que propiciam novos conhecimentos sociais e literários.

O caráter estético de uma obra literária está relacionado não somente às reações, mas também ao conhecimento social, histórico ou íntimo do leitor, frente às emoções que a obra pode desencadear nele mediante o contato com outras obras. Sendo assim, são critérios que qualificam uma obra pelo diálogo entre ambos; os assuntos dos textos, muitas vezes, transformam a visão crítica do leitor, ao promover uma compreensão maior do mundo e de si, provocando sentido e reconhecimento no meio social e literário.

Por conseguinte, para Jauss (1994), todo texto lança perguntas para obter respostas, sejam de imediato ou não, promovendo a construção de sentido e a ressignificação do texto. Ao longo do tempo, a pergunta e a resposta vão sendo atualizadas mediante a cultura e a sociedade do receptor.

Dessa forma, os assuntos abordados no texto acarretam questionamentos que possibilitam ao leitor conhecimento; este é produzido pela identificação ou frustrações das expectativas, através das quais ele constrói seu próprio ponto de vista sobre o que foi lido. Para Zilberman (1989), o leitor é fundamental para a recepção do texto literário, pois há uma conexão entre o seu mundo social e o mundo fictício do texto, que são experimentados por ele. Logo, o receptor transgride o texto, sendo capaz de lhe atribuir sentido, ressignificá-lo, atualizá-lo por meio de sua vivência, promovendo o seu caráter estético.

As contribuições feitas pelo leitor para a atualização da literatura são realizadas por meio do prazer e experiência estética do texto. Desse modo, o juízo estético sobre a obra em cada época constrói a sua qualidade estética, que é produzida a partir da recepção do texto em cada tempo, sendo formada pelo processo sincrônico, que a estuda em cada período, tomando pontos de vista diferentes de leitores, cujas somas caracterizam o processo diacrônico.

As interpretações sobre as obras literárias vão sendo construídas ou reconstruídas pelos leitores por meio de seus costumes e do aparecimento de novas ideologias. Esses fatores ampliam a percepção estética, desdobram a criatividade do autor, pelo efeito estético gerado no receptor e pela audiência das obras.

Conforme Jauss (1994), determinada obra que ao longo do tempo recebeu um tipo de recepção pode ser vista de uma forma diferente na atualidade, havendo uma nova percepção. A primeira recepção não é negada, podendo ser percebida e estudada em um período sincrônico, assim como na diacronia dela.

Nessa perspectiva, a recepção do texto literário pode ocorrer por meio dos aspectos diacrônico e sincrônico relacionados ao fator social, o qual é associado à experiência cotidiana do leitor, de suas vivências atreladas ao conhecimento de mundo que permite a ele experimentar a obra.

A obra literária pode construir um sólido público leitor, promovendo sua recepção e audiência ao longo do tempo. Ela possui brechas, permitindo ao leitor adentrá-la com sua experiência estética, de vida e referências. Para Iser (1996), o lugar vazio permite ao leitor atuar no texto, havendo engajamento dele com o mundo da obra mediante sua própria compreensão de arte, que, por sua vez, pode ser comparada com aquilo que ele já tenha visto ou sentido pelos traços familiares, possibilitando-lhe experimentar a catarse do texto, o que também faz Jauss (1994, p. 28) afirmar que

em toda experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há “um saber prévio”, [...], com base no qual o novo que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experienciável.

O leitor capta por meio das obras aquilo que já está à margem ou não de seu conhecimento. Dessa forma, possibilita reações que são desvendadas não somente no ato da leitura, mas pelas suas construções de representações de fatos familiares, ou seja, pelo mundo, pelo modo de vida, por leituras feitas e apreendidas por intermédio da obra, as quais lhe permite por suas projeções de desejo, ou mesmo, a partir dela, emancipar-se enquanto sujeito social.

Lima (1979, p. 24) compreende que o “[...] texto literário e artístico tem, pois, como primeiro efeito converter o habitualizado em estranho. [...]”. Nessa percepção, a literatura, precisamente o texto literário, provoca a distinção entre a linguagem do dia a dia do leitor com a dos textos. A escrita literária é mais poética, metafórica e cheia de sentidos, havendo a necessidade de se desprender da do real, utilizando fatos da sociedade de forma verossímil e imaginativa para o leitor, o que lhe possibilita construir seu juízo estético e crítico.

Com isso, pode-se dizer que a obra possibilita ao leitor uma conexão com os fatos sociais, literários e históricos por meio das lacunas deixadas para serem completadas. A partir disso, o leitor constrói o sentido por intermédio de suas expectativas e curiosidades. Logo, o texto literário

é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-la. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. (ISER, 1979, p. 107).

O leitor compreende o texto por sua proximidade com os fatos sociais sem, necessariamente, encarar o assunto como real, mas como uma construção, um jogo em que a obra se conecta com o receptor, envolvendo-o no assunto abordado pela obra. O efeito estético ocorre pelas reações dos leitores surgidas por meio daquilo que foi lido, ponto crucial do sentido e caráter estético da obra.

Com essas abordagens e intervenções do receptor, a obra literária recebe notoriedade e se firma no cenário literário, amplia sua circulação no meio social e audiência proporcionadas pela conquista do seu público leitor. O tópico seguinte analisará o caráter estético de *A Costela de Adão*, por meio do conto “O sr. Carlos Autogenico”, a partir dos pressupostos da Estética da Recepção.

3. Caráter estético na obra *A costela de Adão*, de Berilo Neves

O escritor Berilo Neves nasceu em 1899, na cidade de Parnaíba, no Estado do Piauí. Faleceu em 1974 na cidade do extinto Estado da Guanabara, no Rio de Janeiro. O autor foi jornalista, contista, poeta, crítico literário e farmacêutico. Trabalhou em muitos jornais e revistas do Rio de Janeiro, como *Jornal do Commercio*, *Careta*, *Fon-fon*, entre outros. Neves se destacou na literatura escrevendo suas narrativas sobre assuntos sociais e corriqueiros, em especial sobre a mulher.

A obra *A Costela de Adão*, publicada em 1929, tornou-se uma das obras mais conhecidas da época, sendo lida e discutida nos meios de imprensa por escritores, críticos literários, leitores que participavam de revistas, jornais, entre outros, conquistando um público leitor sólido.

A construção dos contos de Berilo Neves está voltada a fatos sociais, no que diz respeito à vida cotidiana ainda no início do século vinte, por meio dos assuntos polêmicos que rodeavam a sociedade carioca. As temáticas de suas histórias versam em torno da ciência e do público feminino, com suas invenções tecnológicas, higiene, traição e ambição. Os textos contam com personagens que variam do grão de areia, micróbios, jornalistas, cientistas, diabo a homens sintéticos e mecânicos que povoam as histórias por meio da guerra dos sexos desde o paraíso. Para isso se utiliza de personagens chave (Adão e Eva) que se ligam a todos os demais na obra.

A linguagem e os acontecimentos nas narrativas da obra são bem articulados com os assuntos do cotidiano do leitor. Os textos se utilizam de figuras de linguagem como metáforas e comparações que figuram uma sociedade abastada e moderna com costumes e ciências avançadas, mas ao mesmo tempo tradicionais. Tudo isso em um mundo tecnológico, com fabricação de homens e o desejo da extinção das mulheres.

Os narradores são quase todos narradores-personagens, contando suas experiências e apresentando personagens masculinos, às vezes como

vítimas, sendo que nos contos da obra não há nenhum narrador feminino (todos masculinos). As mulheres, desde a expulsão de Adão e Eva do paraíso, perturbam os homens, causando-lhes uma mágoa que ainda não foi perdoada e nunca será. Por essa razão, é como se houvesse obrigatoriamente a necessidade de extingui-las em virtude de sua desobediência e malícia. Referente ao autor e seus contos, o humor foi um dos elementos identitários em suas narrativas, pois

[...] a sua escrita tecia um jogo singular de seus pensamentos típicos de um autor humorístico, como o fora. E é isto que prova a tese que se constrói a seu respeito, quando se encontra, por exemplo, as suas participações em revistas cariocas com colunas típicas de galhardia, recheadas de frases de humor e de efeito. (CIARLINI, 2012, p. 226-227)

Os contos da obra tiveram audiência pelas temáticas audaciosas de um autor crítico e irônico. A investida nos assuntos instigantes para a época está intrínseca ao período de lutas femininas. Neves, por ser um autor humorístico, descreve a mulher de forma negativa em suas narrativas, angariando notoriedade pela forma como cita e expõe esses personagens, pela maneira como explora os conteúdos, os quais vão desde a invenção de métodos para descobrirem os pensamentos das pessoas, principalmente das mulheres, até a construção de um mundo composto apenas por homens.

Na obra, percebe-se que os costumes reduzem as mulheres a seres que deveriam ser controlados pelos homens, porém estes não conseguiam, de fato, livrar-se delas. Existe sempre um personagem falando a respeito delas, por mais que o objetivo fosse eliminá-las do mundo. Assim sendo, na obra é presente a ironia e o humor nos assuntos que os contos abordam numa vertente cotidiana, com conteúdos que versam sobre a futilidade e a ambição de alguns personagens, além do ódio às mulheres.

Consoante Jauss (1994, p. 31), “o horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público”. Desse modo, os horizontes de expectativa da obra e do leitor se cruzavam pelas temáticas sociais empregadas nos contos, por serem de conhecimento do público. Por outro lado, esses mesmos conteúdos provocavam reações como choque, questionamentos e surpresas nos leitores pela forma como Neves elaborava a linguagem, os assuntos polêmicos e a ciência nas narrativas.

Desse modo, a recepção da obra por parte dos leitores ocorreu pela forma como Neves descrevia os personagens e o enredo em seus contos. Com isso, pela proximidade dos fatos sociais e literários, o prazer estético do leitor possibilitou a audiência e o caráter estético da coletânea de contos, conseguindo um grande público composto, em sua maioria, por mulheres. Logo,

a recepção favorável dos escritos de Neves por parte de mulheres, incluindo feministas, mostra que a questão é mais complexa do que poderia parecer inicialmente. Não obstante a constante referência a Neves como ironizador das mulheres – ou talvez seja o mais coerente – elas eram não apenas uma temática preferencial, mas público leitor, se não seu principal, considerável. (LEMOS, 2014, p. 55).

As narrativas da obra de Neves estavam engajadas na condição social e representação dos personagens, em que o leitor podia perceber a semelhança com sua realidade, havendo uma fusão de horizontes de expectativas. Os temas estavam próximos do cotidiano do receptor, porém, com assuntos que mesclavam fantasias com humor, o que tornava os contos mais curiosos e assim atestavam seu valor estético.

Dessa forma, os leitores podem inserir na obra tudo aquilo que sua experiência de leitura e de mundo possibilite para o texto. Para Jauss (1994, p. 35-36), “se deve entender o texto – ou seja, de como entendê-lo ‘da perspectiva de sua época’ – encontra resposta sobretudo destacando-o do pano de fundo daquelas obras que ele, explícita ou implicitamente pressupunha serem do conhecimento do público seu contemporâneo”, corroborando a construção do sentido da obra por meio de sua própria experiência estética em contato com o texto.

A obra pode ter um novo sentido, mediante o ponto de vista do leitor sobre aquilo que já tinha construído ou estava sendo reconstruído, o qual pode ser modificado pela nova forma de pensar sobre o assunto lido. A obra de Neves obteve recepção rápida por responder aos propósitos do público leitor. Além de questionamentos, também possibilitou às mulheres perceberem a visão social a seu respeito em relação à figura masculina.

Nessa perspectiva, para Aguiar (2007), o prazer estético acontece quando o leitor é participante e ativo na obra, produzindo a recepção dela. Assim sendo, quando o horizonte de expectativa dele é confrontado com o da obra, é-lhe permitido mais conhecimento, bem como novos posicionamentos sobre os assuntos que o cercam, possibilitando mudanças de opinião e a construção de juízos sobre o texto literário e sobre si. Nessa perspectiva, de acordo com a *Revista da Semana* (NOTÍCIAS, 1929, p. 29),

os contos da *Costela de Adão* abordam em geral problemas científicos e até ultra-científicos, para os transformar em páginas encantadoras de fantasia e de espírito. [...]. Para assim dar que fazer à imaginação — à sua e à dos leitores — forçoso lhe era possuir um vasto e seguro systema de conhecimentos.¹

Para a produção dos assuntos dos contos, Neves utilizou seu conhecimento científico, da imprensa e de sua participação nos círculos literários, construiu uma literatura cheia de lacunas com conteúdos que interessavam aos leitores. O autor conquistou críticos e leitores, os quais interpretavam seus contos pelo viés científico, crítico, em especial, pelo humorismo contido neles. Assim,

esse é de facto o modernismo, isto é, o espírito da época. O autor reflete o seu meio, o seu tempo; tem as mesmas paixões, as mesmas ansias que os seus contemporâneos. Olha para traz sem retrogradar, contempla o presente dormir, ou encarar o futuro sem delirar. O modernismo das idéas e não das formas. (O MODERNISMO, 1932, p. 14).

Os contos de Neves contêm assuntos corriqueiros que podem seduzir os leitores, sendo marcante no livro a presença de temas sociais da época, cujos diálogos com fatos triviais propiciam fantasia e abordagem de curiosidades por intermédio dos traços cômicos presentes nas narrativas. Desse modo, muitos leitores da obra divulgavam suas críticas por meio da imprensa:

Alguns contos do livro são verdadeiramente deliciosos pelo que contêm de absurdo e de imprevisto [...] ‘A costela de Adão’ é, sem duvida, um livro bem nascido para a publicidade, e que ha de estar em vespéras de esgotar-se nas livrarias – taes as multiplas seducções que offerece a todas as espécies de leitores. (O MOVIMENTO, 1929, p. 04)

Dessa forma, a recepção da obra de Neves acontece pelas reações que a obra permite ao receptor por meio do prazer estético que se realiza quando a experimenta. Por conseguinte, este dialoga com a narrativa possibilita ao leitor sentimentos de satisfação ou não, tornando-o livre para interpretar ou ressignificar o texto, além de construir o seu caráter estético.

¹ A grafia das citações dos jornais, revistas e do conto é a da época em que foram publicados.

Os textos de Neves permitem ao leitor criar uma imagem sobre os personagens e os ocorridos por meio de assuntos sociais e religiosos. Conforme Humberto de Campos (1929, p. 2),

no primeiro conto, ‘A Costela de Adão’, que dá nome ao livro, descreve o sr. Berilo Neves, de acordo com a *Geneses*, e em desacordo com o texto dos demais, que se baseiam ou simulam basear-se na ciência, os primeiros dias do Homem, até à sua violenta expulsão do Paraíso. Conhecendo, provavelmente, o ‘Diário de Adão e Eva’, e que é impossível abordar o assumpto sob o ponto de vista do ‘humour’ depois de tratado por Mark Twain, fez com elle as paginas mais cuidadas do seu livro, senão como idéa, ao menos como estylo.

A criação literária de Neves pode provocar no público uma interação, que permite a participação do leitor, possibilitando criar suas imagens sobre os personagens e a narrativa por seu conhecimento de mundo. Por conseguinte, o diálogo do texto com o leitor está na condição da comunicação entre ambos, em que a obra lhe disponibiliza diferentes e variadas sensações, as quais corroboram referências de vida e de leituras. Logo, conforme Iser (1996, p. 75), “[...] deve ser por isso imaginado. E é nesse ponto que o papel do leitor, delineado na estrutura do texto, ganha seu caráter afetivo”.

O leitor pode compreender, por meio da obra, os fatos sociais de sua vida, como também os do texto mediante a fruição estética que ocorre no ato da leitura, cuja construção de juízos estéticos e criticidade são reveladas sobre algo. O leitor, a partir da recepção e audiência da obra, possibilita a criação de valor estético e artístico atribuindo-lhe sentido. Sobre os contos de Neves,

além de atraentes pelas particularidades que definem esse difficil genero de literatura, são ainda de grande utilidade para seus leitores, dados os conhecimentos scientificos que, de quando em quando, ressaltam de sua leitura. Essas páginas vasadas de ironia, ferreteam, os mais das vezes, o espírito feminino. (NASCIMENTO, 1930, p. 04)

Nesse sentido, a escrita de Neves se torna instigante devido aos conteúdos serem considerados tabus pelos leitores, por exemplo, o ódio de alguns personagens masculinos contra os femininos. Além disso, ele usa uma linguagem maliciosa, que se utiliza de assuntos curiosos como a ciência a partir de fatos ficcionais que lhes interessam, permitindo assim interação e comunicação entre obra/leitor.

Dessa forma, o conto “O sr. Carlos Autogenico” apresenta fatos corriqueiros das descobertas científicas do século vinte, com uma dose de exageros e fantasias. Neves, no conto, utiliza metáforas e comparações que

estão visceralmente ligadas aos comportamentos dos personagens como o cientista, o jornalista, o homem mecânico e as mulheres. Há, na narrativa, invenção de um homem totalmente construído sem os prejuízos de uma vida mundana, uma tentativa de se pensar o mundo sem o sentimento mais afetivo: o amor.

Nesse sentido, a recepção do leitor pode construir o sentido do texto, mediante o efeito estético, este que só ocorre quando a obra é experimentada por ele e que por essa razão, produz reações e conhecimento em quem lê. Consoante Jauss (1994, p. 57, grifo do autor), “de tudo isso, conclui-se que se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social precisamente onde a literatura não se esgota na função de uma arte de *representação*”. Logo, as reações do receptor sucedem por meio dos sentimentos, ligados direta ou indiretamente a sua vida, ancorados nos traços familiares e de suas vivências, concretizando a interpretação da obra realizada por intermédio da imagem produzida por referências que o leitor faz dos fatos contidos no texto.

O leitor vai sendo guiado pelos jogos de sentido que se encaixam nesses personagens, pois o sentido da narrativa é construído pela imagem que ele faz por seus conhecimentos sobre robôs e suas curiosidades. Desse modo, nas primeiras páginas, o narrador descreve de forma poética, a situação da chegada do homem mecânico.

A noite caía, mole e humida como um farrapo de renda preta que se soltasse do céu. A avenida, àquela hora era uma imensa floresta carregada de frutos de luz e atulhada de barbaros que desdenhavam da sua beleza estonteadora. A' luz dos focos electricos até as pequeninas pedras do passeio pareciam estadear-se como joias raras, fixadas no engaste brutal do concreto. (NEVES, 1936, p. 107).

Nas primeiras descrições, há a imagem formulada sobre o determinado ambiente e a noite da chegada do homem mecânico. A construção da narrativa é guiada pelos detalhes do ambiente, possibilitando ao leitor imaginar a paisagem da rua com seu aspecto moderno e pela exposição dos traços do local. O ambiente exposto minuciosamente permite que se perceba a sua calmaria. Porém, com o sigilo interrompido por conta da vinda de um robô, é provocado um alvoroço na sociedade moderna e esta é corroída de curiosidade em ver o homem máquina – uma ciência revolucionária que revela um ser parecido com o homem em quase todos os aspectos. Por conseguinte, o jornalista descreve o encontro entre ambos:

Apertámos-nos as mãos. Estranhei que a delle fosse macia como se fora de carne humana. Não era, então, todo de aço o “homem mecânico”. A face devia ser moldada em parafina, porque tinha uma côr uniforme e uma certa plasticidade que lhe permite sorrir, embora com o mesmo rictus muscular, sempre. (NEVES, 1936, p. 108).

As curiosidades do narrador em querer perceber a textura da pele desse ser pode também induzir o leitor a experimentar o personagem mediante seus traços humanos por meio da imagem dele produzida pela e na sua imaginação. Nesse aspecto, o leitor pode construir a figura do personagem pelas reações e descrições do narrador ao analisar detalhes que culminam na formação de sua figura fictícia.

Alguns traços que não foram mencionados pelo jornalista tornam-se espaços vazios que o receptor vai preenchendo. Logo, os “[...] tais lugares vazios obrigam o leitor a dar vida própria à história narrada; ele começa a conviver com os personagens e a participar dos acontecimentos que os afetam” (ISER, 1999, p. 140). Com isso, o leitor pode construir os personagens por inferências sociais criando e complementando a imagem descrita pelo narrador.

Jauss (1994, p. 26) entende que a literatura “[...] como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros ao experienciar a obra”. No texto, o leitor de posse da narrativa pode desvendá-la, atribuindo-lhe sentido e ressignificando-a por aquilo que já conhece. Isso possibilita imagens construídas por meio do texto. Nesse caso, a figura de um robô já é de conhecimento e formado pelo imaginário do receptor, porém vai sendo alargada pelas informações que o conto disponibiliza. Logo, uma nova imagem é criada e experimentada.

Por esse viés, Jauss (1994) afirma que a experiência estética do leitor ocorre de forma livre, havendo emancipação, pois ele é competente o suficiente para examinar o texto e comprovar o valor e seu caráter estético. O leitor adentra no texto, dando-lhe sentido com base em fatos já vistos de modo que se familiariza com a tecnologia e as descobertas científicas de seu meio social. O conto dialoga com aquilo que ele já sabe. Destarte, o receptor pode mudar sua forma de pensar sobre algo tido em si como ideológico, mediante o conteúdo do texto.

Nesse contexto, outro aspecto a ser ressaltado é a configuração que ganham a ironia e o humor presentes na personalidade tanto do homem mecânico quanto do cientista (ambos odeiam as mulheres) visto que podem possibilitar e suscitar a curiosidade do leitor pelas críticas construídas por

eles, dirigidas ao sexo feminino, as mulheres apresentam-se como seres terríveis. Logo, o senhor Carlos Autogenico foi criado para ser indiferente às dores amorosas e às mulheres.

A curiosidade do jornalista se acentua no que ocorre quando o homem mecânico passa pelas mulheres, além de seu comportamento impassível. Ele é mais educado e inteligente do que os homens naturais, refinado, com o poder de armazenar muitas culturas diferentes. Conforme a entrevista do jornalista com o cientista, o entrevistado explica que o homem mecânico:

— Alimenta-se de energia electrica guardada em acumuladores especiais. Os seus músculos são de aço e os nervos, de platina. Quando começa a ficar neurasthenico mudamos-lhe os fios. Se pudesse fazer o mesmo ás mulheres...Emfim, pouco trabalho me dá, a não ser quando os acumuladores começam a ficar vasios de energia. Então, enfraquece os olhos vistos e tem idéas sinistras, de suicidio, de melancolia. (NEVES, 1936, p. 109-110).

Como todo robô, percebe-se a capacidade de processar conhecimentos rápidos, ou seja, por mais que o homem mecânico seja feito de produtos químicos, sua aparência física e também emocional são semelhantes às do homem. Nesse sentido, seu comportamento é mundano, devido a uma peculiar questão: há um sentimento de indiferença às mulheres, o homem mecânico passa por elas sem emoção, ignorando-as. Por sua vez, é uma máquina controlada, já que age segundo as intenções e desejos do seu criador. Contudo, quando suas pilhas enfraquecem fica mais sensível à condição humana, tornando-se emotivo como os mortais. Para Lemos (2014, p. 77), “já em ‘O Sr. Carlos Autogenico’, Neves fala da produção industrial de um homem-mecânico capaz de inúmeras proezas, com a vantagem de estar isento de necessidades e complicações como o cigarro, a bebida, a mentira e o amor”.

Essas ideias vão de encontro à sensibilização do homem. As características são feitas por semelhanças humanas presas na condição de máquina. Assim, para o cientista “no dia em que todos os homens saírem das oficinas da Worman Electrit Company, terão desaparecido, do mundo, a dor, o crime, o suicidio, a desgraça, enfim”. (NEVES, 1936, p. 110).

Com esse intento, o leitor pode construir sobre a narrativa a percepção de uma sociedade controlada pelo desejo de poder do homem. Prontamente, o cientista almeja criar apenas homens, aspirando um mundo melhor sem mulheres, cujo entendimento remete ao mal. O texto permite ao leitor criar, por

meio do conto, a imagem das mulheres e como são analisadas pelos personagens, além de formular sua própria opinião sobre o que foi ou está sendo lido.

O leitor experimenta o texto literário a partir do diálogo entre ambos, cuja compreensão da narrativa se dá por meio das lembranças de fatos já familiarizados encontrados na obra. Logo, o texto, segundo Jauss (1994), suscita nele “a lembrança de algo lido ou vivido”. Os textos e os assuntos possibilitam ao leitor compreensão do mundo que o cerca, seja pelos seus preconceitos, forma de agir, crenças ou ideologias. São estes elementos que preenchem os vazios deixados e garantem sentido e caráter estético ao texto.

A experiência estética na obra em análise pode ser construída pelos sentidos dados ao texto mediante vivências acrescidas de conhecimentos do leitor sobre a ciência como melhoria para a vida do homem. Com isso, a narrativa prende a atenção do leitor e provoca reações e pontos de vistas sobre o assunto abordado, especialmente, no que concerne à figura feminina. Nas últimas páginas do conto, o homem mecânico aparece em algumas ocasiões não tão indiferente às mulheres, pois às vezes o cientista regula e mede sua capacidade de apatia.

[...] uma onda de perfumes encheu o quarto.

O “homem mecânico” levantou-se como se fôra movido por todas as pilhas interiores.

— Mulheres! disse, com a voz roufenha. Estou perdido!

Caiu na cadeira com um surdo rumor de molas que partem.[...] estava hirto, numa solidez de aço[...] No interior, jaziam, em estilhaços, todos os vidros de pilhas... E um líquido amarelado, que parecia ácido chlorhídrico, escorria pelo ventre do “homem mecânico” corroendo-lhe, lentamente, as fibras de aço...(1936,p. 111).

A “morte” do homem mecânico ou a ruína ocorreu pelo perigo que as mulheres representavam para os homens. Assim, mesmo que o senhor Carlos Autogenico tenha sido criado para não amar mulheres, não escapa delas. Ele sente medo e é arruinado por elas. No conto, a mulher atrapalha a vida do homem, provocando nesse ser sem coração uma disfunção de seu corpo ao liberar um líquido que sai de uma parte do peito como se fosse um coração danificado. Esse evento simboliza sua destruição provocada pelo sexo feminino, isso mostra que não era tão indiferente a elas.

A literatura de Neves, com base em seus contos, é construída nessa conexão entre a ciência e a ficção e permite ao leitor construir um paralelo entre ambas pelos assuntos presentes na obra. O receptor vai percebendo o humor na narrativa pelos exageros de como são abordadas as mulheres. Dessa forma, o conto pode possibilitar questionamentos sobre as estruturas

sociais de como esse público feminino era visto, ou mesmo representados pelos homens tanto em sua sociedade real como na ficção.

Nesse panorama, a obra *A Costela de Adão* conquistou notoriedade e audiência em todo o país. Divulgada em quase todos os jornais brasileiros da época de seu surgimento, comentada por diversos leitores, além de ser traduzida para outros idiomas como espanhol, polonês e italiano, conquistou nove edições, sendo reconhecida e lida em todo o país.

4. Considerações Finais

A recepção da obra *A Costela de Adão*, de Berilo Neves, ocorreu de forma rápida entre os leitores do início do século XX, conquistando, em trinta anos, nove edições para sua obra. Nesse sentido, a audiência do público leitor aconteceu pelos assuntos propostos pela obra, cujo diálogo com os fatos sociais da sociedade de seus leitores provocam reações por meio de narrativas instigantes e críticas.

A narrativa “O sr. Carlos Autogenico” destaca o avanço da tecnologia e constrói mulheres históricas, vistas como o mal da sociedade. Tal percepção também é referida nos demais contos, a partir de assuntos que propiciaram a construção do caráter estético da obra e sua rápida recepção nos círculos literários e sociais do país nas primeiras décadas do século XX.

Por esse viés, o leitor constrói o sentido e caráter artístico do texto a partir da interação entre ambos. Dessa forma, as temáticas apresentadas no texto podem divergir ou não da cultura literária e social dele, possibilitando desconforto, maturidade e cultura literária. Nesse sentido, a obra *A Costela de Adão*, no início do século XX, conquistou um vasto público pelos assuntos que disponibilizava aos seus leitores e por provocar reações por meio de narrativas curiosas e críticas que se dirigem à ficção científica e às mulheres.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura e conhecimento. *Revista Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32, n.53, p. 26-41, dez. 2007.

CAMPOS, Humberto de. Berilo Neves: “A Costela de Adão”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, anno XXVIII, n. 10494, p.02, 20 mar. 1929.

CIARLINI, Daniel Castello Branco. *A face oculta da Literatura Piauiense*. Parnaíba: Editora Siearte, 2012.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução Joannes Ketscher. São Paulo: Editora 34, 1996. v.1.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução Joannes Ketscmer. São Paulo: Editora 34, 1999. v.2.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.105-116.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LEMOS, Aline de Castro. *Gênero e ciência na ficção científica de Berilo Neves*. 2014. Dissertação (Mestrado em História e Culturas Políticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LIMA, Luiz Costa. Prefácio à 2ª edição. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 09-36.

NASCIMENTO, Luiz de. A Costela de Adão. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano LV, n. 82, 6 ab. 1930, p. 04.

NEVES, Berilo. *A Costela de Adão*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

NOTÍCIAS e comentário. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 14, 23 mar. 1929, p. 29.

O MODERNISMO de Berilo Neves. *O Malho*, Rio de Janeiro, anno. XXXI, n. 1520, 06 fev. 1932, p. 14.

O MOVIMENTO intellectual (critica e informação literaria). *Diario Carioca*, Rio de Janeiro, ano II, n. 255, 25 maio 1929, p. 4.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e a História da Literatura*. São Paulo: Ática S.A, 1989.

Recebido em: 1º de outubro de 2020.

Aprovado em: 1º de junho de 2021.